

UM ESTUDO DE INTERAÇÕES DE PERCEÇÃO E DESEMPENHO - IMAGEM CORPORAL, CAPACIDADE FÍSICAS E MOTORAS - COM UM GRUPO DE MENIN@S DO 1.º CICLO

Isabel Cabrita Condessa

CIEC, Universidade do Minho, Portugal
FCSH, Universidade dos Açores, Portugal
maria.id.condessa@uac.pt

Fecha de Recepción: 1 Enero 2019

Fecha de Admisión: 30 Abril 2019

RESUMO

O comportamento e desempenho físico-motor da criança no 1.º ciclo varia muito com o seu perfil físico e psicológico. Na Escola, não só os currículos reforçam mais as atividades cognitivas como se registam ainda muitas dissemelhanças devido às preferências de género, socialmente veiculadas desde a infância.

Com este estudo, de entrecruzamento entre as áreas da psicologia, da educação e das ciências do desporto, procuramos determinar diversos fatores: a. características físicas - índice de massa corporal – IMC; b. percepção de características físicas, do perfil de imagem corporal e desempenho motor; c. capacidade física (flexibilidade; força abdominal; agilidade); d. desempenho motor em habilidades marcantes da infância (lançar e pontapear, rolamento frente, saltar à corda). Esta análise de percepção/ satisfação e desempenho foi realizada num grupo de crianças (n= 35 – 54.3% rapazes e 45.7% raparigas) de uma escola, durante dois anos consecutivos (3.º e 4.º ano).

Foi realizada uma análise dos dados a partir do SPSS - versão 25 e recorremos a provas estatísticas variadas – tendência central e dispersão (média, esvio padrão), comparativas [Qui Quadrado (χ^2) e U de *Mann-Whitney*] e correlacional [*Bravais-Pearson* (*r*)].

Os nossos resultados permitem-nos concluir que uma maior percentagem de rapazes tende a apresentar valores mais elevados para os parâmetros físicos e há diferenças de género apenas no 3.º ano - quanto à imagem corporal, que tende a diminuir com a idade.

As raparigas tendem a ser mais flexíveis e os rapazes mais ágeis e velozes, verificando-se uma relação com a percepção de peso – no 3.º ano. No domínio das habilidades motoras é no *saltar à corda*, concretamente no número de saltos realizados que se verificam maiores diferenças de género, ainda fruto de muitas barreiras sociais existentes.

Palavras-chave: crianças do 1.º ciclo; género; idade; imagem corporal; capacidades físicas e desempenho motor

ABSTRACT

A study of perceived and performance interactions - body image, physical and motor capacity – with a group of boy and girls of the primary school. The behavior and motor-physical performance of the child in the primary school or 1st cycle varies greatly with their physical and psychological profile. At school, not only do curricula reinforce cognitive activities more, but there are still many dissimilarities due to gender preferences, socially transmitted from childhood.

With this study, of relationship between the areas of psychology, education and the sciences of sports, we try to determine several factors: a. physical characteristics - body mass index - BMI; b. perception of physical characteristics, body image profile and motor performance; c. physical ability (flexibility, abdominal strength, agility); d. motor performance in striking childhood skills (throwing and kicking, rolling forward, jumping rope). This analysis of perception and performance was performed in a group of children (n = 35- 54.3% boys and 45.7% girls) of a school for two consecutive years (3rd and 4th years), in order to if they confine their quality of life.

Data analysis was performed from the SPSS - version 25th and we used a variety of statistical tests (mean, st.deviation), comparative [Qui Square (X^2) and U *Mann-Whitney*] and correlational [*Bravais-Pearson* (*r*)].

Our results allow us to conclude that a higher percentage of boys tend to present values for the higher physical parameters and there are gender differences only in the 3rd year - as the body image decreases with age.

Girls tend to be more flexible and boys are more agile and fast and there is a relation to weight perception - in the 3rd year. In the field of motor skills, it is not skipping, specifically in the number of jumps performed that there are greater gender differences, still the result of many existing social barriers.

Keywords: children of the primary school/ 1st Cycle; gender; age; body image; physical capabilities and motor performance

INTRODUÇÃO

A Educação na atualidade, em que a escola assume um papel preponderante, oferece atividades que criam ainda muitas dissemelhanças devido às preferências de gênero, socialmente veiculadas desde a infância. Estas tendências são refletidas no perfil físico e psicológico e, conseqüentemente, no comportamento e desempenho físico-motor do(a)s menin@s, crianças de ambos os sexos/gêneros desde o jardim de infância e o 1.º ciclo.

Cunha (2004, p.84-86) parte do pressuposto que, fruto do exercício físico, teremos um acréscimo de um estilo de vida saudável que promoverá um corpo mais belo e eficaz – variável do tempo, do espaço e do gênero – e que, conseqüentemente, influenciará diretamente a personalidade do indivíduo, por exemplo, na sua autoestima refletida na satisfação e na adesão às práticas.

A nossa cultura escolar, tradicionalmente intelectual, contraria um pouco a necessidade do processo da edificação de identidade do corpo. Contudo, por vezes é legítimo pensar que a pessoa na escola é corporalizada e que a "...escolarização do corpo é um processo de construção a longo termo, que possivelmente influenciará para sempre o indivíduo, (Gomes, Silva & Queirós, 2000, p. 25) de forma(s) distinta(s) consoante o seu gênero, masculino ou feminino. Desde as primeiras idades, que a Educação tem um papel relevante na formação desta identidade, pelo seu contributo socio-histórico.

Segundo Gomes *et al.* (2000), a escola pode contribuir para reforçar as (des)igualdades caso se consciencialize, ou não, essa necessidade em que ao permitir "...desenvolver global e harmoniosamente a pessoa, a presença e tratamento do corpo não deverá ser reduzida à Educação Física" (p.25). Através do "movimento" realizado pela educação física em variados contextos (extra)curri-

culares - rapazes e raparigas podem desenvolver a sua capacidade física e habilidades motoras, usufruindo de um trabalho pedagógico do corpo na escola. Este contributo pela ação, ou movimento, não só é uma forma de comportamento que implica o indivíduo na totalidade – biológica, psicológica e socialmente, mas também, um dos meios mais eficientes da medicina preventiva - pela prevenção às co-morbidades, isto é, ao risco aumentado de outros problemas clínicos, associados à vida sedentária/ inatividade e aos excessos alimentares/ obesidade.

Releva-se aqui a importância e o papel do professor, que deve considerar as características individuais do(a)s aluno(a)s para criar equidade de oportunidades, refletindo as (in)conformidades dos seus/ suas aluno(a)s – biológicas, corporais e psicológicas. Também os comportamentos, socialmente aprendidos em função do género, devem ser considerados, já que estes imperam nas práticas físicas e desportivas, havendo muita tendência para que as *experiências educativas positivas* sejam diferenciadoras do seu desempenho nas práticas. As raparigas tendem a ter mais experiências físicas negativas, com reflexo na sua autoestima, na baixa confiança e competência sentida (p. 37).

Na construção da imagem do corpo, pela sua consciencialização, a criança começa a perceber pessoalmente o seu corpo, pois para Fonseca (2008) essa vivência “é essencial para a construção da imagem corporal sendo que somente através dele se pode adquirir conhecimento sobre o próprio corpo” (p.36). Na própria imagem corporal, existem diferenças que se acentuam com a idade e o género, pois para Schilder (1991, referido por Esteves, 2013) e Cunha (2004) a imagem corporal que se constrói pela história de vida, ou pelo contacto social, projeta-se na representação mental construída do próprio corpo e do modo como ele é percebido pelo indivíduo, numa ideia de corpo socialmente mediado.

A construção da imagem do corpo envolve os sentidos, as ideias e os sentimentos referentes a esse corpo. A relação que a criança tem com os outros poderá ser também um fator que poderá influenciar a consciência que a mesma tem a cerca do seu corpo e que é moldada pelo ambiente, os valores e as atitudes, refletindo os sentimentos e a personalidade. Silva & Herzberg (2017) sobre o recurso à figura humana com crianças, comenta que este é um verdadeiro “instrumento sobre o corpo e suas significações singulares, o desenho é considerado um recurso interessante a ser explorado, e que pode trazer contribuições para avaliações” (p.107). De facto, nas últimas décadas, no âmbito da saúde pública, houve um aumento dos cuidados com a imagem corporal, pela relação estabelecida com o aumento da obesidade e das desordens alimentares, associadas às mudanças sociais e familiares dos hábitos e com reflexo no estilo de vida (Côrtes, Meireles, Friche, Caiassa, & Xavier, 2013, p. 428).

A escala de silhueta que tem sido amplamente utilizada para avaliação da imagem corporal foi desenvolvida por Stunkard et al. (1983), com nove figuras para cada sexo. As imagens destas escalas geralmente variam de um sujeito muito magro (silhueta 1) a um obeso (silhueta 9) e o indivíduo deve escolher qual figura melhor o representa.

A Direção Geral de Saúde (DGS) emanou uma circular para as consultas de vigilância de saúde materna, infantil e dos adolescentes (circular n.º 5 de 21 de fevereiro de 2006) onde refere que no “Programa Nacional de Combate à Obesidade, optou-se por substituir as curvas da relação peso-estatura pelas do índice de massa corporal (IMC), mais adequadas à correta monitorização do estado de nutrição de cada criança” (p. 1) e, refere que “Todas as oportunidades são boas para corrigir hábitos alimentares desequilibrados e promover a actividade física, combatendo o sedentarismo.” (p.2)

Por outro lado, Gallahue (2002), Perez (2004) e Haywood & Getchell (2004), na área do desenvolvimento motor, assim como Schmidt (2001), na área da aprendizagem motora fundamentaram

sobre a relevância de ter um conhecimento global da(s) criança(s) e das suas características, pois partindo-se do conhecimento de como se desenvolve, se movimenta e das suas capacidades físicas e motoras se pode conhecer *como ela aprende* e *como pode aprender melhor*, como se motiva e adere melhor à atividade.

As desigualdades vivenciadas na vida adulta, entre homens e mulheres, são ainda muito significativas quanto à prática desportiva. Conforme mencionam Condessa & Anastácio (2016, p. 91) que a prática física “continua a estar ausente da vida de uma percentagem muito significativa da população, sobretudo da feminina, exige-se que se faça um esforço para mudarmos os seus comportamentos”, criando-se ambientes de educação positiva que encaminhará raparigas/mulheres para o sucesso, com uma maior adesão às práticas e, por isso, à adoção de hábitos de vida saudáveis. Neste sentido, este estudo, de entrecruzamento entre a área da psicologia, da educação e das ciências do desporto, procura caracterizar e relacionar diversos indicadores de um grupo de crianças do 1.º ciclo, cruzando as suas características físicas percepções sobre o perfil de imagem corporal e seu nível de satisfação; as capacidades físicas e o desempenho motor.

OBJETIVOS

Com este estudo, tivemos como objetivo comparar um grupo de crianças, em função dos seus dados sociodemográficos - idade (dois anos sucessivos) e género (rapazes e raparigas), em diversos fatores de percepção/satisfação e desempenho - imagem corporal, capacidade físicas e motoras.

PARTICIPANTES

A amostra do nosso estudo é constituída por 35 crianças do 1.º ciclo de uma mesma escola [rapazes n =19 ou 54%; raparigas – n= 16 ou 46%]. As crianças participantes, pertenciam ao escalão etário 8 - 11 anos (1.º ano de recolha – 2017) e 9 – 12 anos (2.º ano de recolha – 2018) e a distribuição de indivíduos por sexo era muito semelhante (+8%).

Método

Este estudo, realizado entre 2017 e 2018, foi desenvolvido a partir da informação recolhida em vários indicadores, com o recurso a vários instrumentos:

características físicas – determinação do perímetro abdominal (cm); medição peso (Kg) e da altura (cm) para determinação do índice de massa corporal ($IMC = \text{Peso (kg)} / \text{Altura}^2 \text{ (cm}^2\text{)}$), valores comparados com os valores de referência específicos recomendados pela Direção Geral da Saúde (DGS) – análise por género e comparada com a percepção/ nível de satisfação (Escala: 1- insatisfeito; 2- indiferente; 3-satisfeito; 4 - muito satisfeito);

Percepção do perfil de imagem corporal – Prova de Figuras de Silhueta – escolha da figura que melhor o(a) representa (silhueta atual);

Capacidade física - provas de flexibilidade “Extensão do tronco” e “Senta e Alcança” (cm); prova de força abdominal “Sit Up s” (n.º de repetições); prova de agilidade “Vai vem” (segundos);

Desempenho motor, em habilidades marcantes da infância – lançar e pontapear; rolamento frente e saltar à corda (transpostos em valores qualitativos – de 1 a 4 ou de 1 a 6, valor crescente com a qualidade de execução), nesta última habilidade (s. corda) cruzando com informação autoestima e percepção de capacidade (Questionário – respostas de escolha múltipla).

Tentámos verificar qual a influência de duas variáveis, idade e sexo/ género, nesses parâmetros e qual a relação existente entre os mesmos.

Para efeitos de análise e tratamento estatístico dos dados recolhidos utilizou-se o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 25 e recorreu-se a uma análise estatística de tendência central e dispersão (média; desvio padrão), comparativas [Qui Quadrado (χ^2) e U de Mann-Whitney] e correlacional [Bravais-Pearson (r)].

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os nossos resultados sintetizam a análise efetuada na amostra estudada, sendo fruto de um estudo empírico do tipo exploratório, que devido à dimensão da sua amostra não é generalizável.

No primeiro fator aqui nomeado, as características físicas e antropométricas – valor de parâmetros físicos com a perceção/ nível de satisfação, conforme se pode ver nas tabelas seguintes (Tabelas 1, 2) podemos tirar algumas ilações. Os valores de peso e altura, registados para rapazes e raparigas são sempre superiores nos primeiros, tendendo a evoluir de um modo semelhante ao longo de um ano, registando-se um aumento do valor médio ligeiramente superior para o sexo/género feminino (+0.75 no peso e + 0.21 na altura) e aumentando a dispersão dos valores. Quanto ao nível de satisfação, há um decréscimo ligeiro nas raparigas, quer para o peso, quer para a altura, mas sem que se registem diferenças significativas com os rapazes.

Tabela 1 – Valores de Parâmetros Físicos e Nível de Satisfação, análise por sexo/género

		3.º ano de escolaridade_2017			4.º ano de escolaridade_2018			
		Peso	Nível de Satisfação Peso	Altura	Nível de Satisfação Altura	Peso	Nível de Satisfação Peso	Altura
rapazes	Mínimo	24.7	1	124	1	25.9	1	132
	Máximo	52.5	4	143	4	60.7	4	155
	Média	34.11	3.16	135.32	3.47	39.47	3.16	142.89
	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-
	D.Padrão	7.61	1.04	5.72	0.88	9.09	0.81	5.58
	N	19	19	19	19	19	19	19
raparigas	Mínimo	23.9	1	120	2	26.1	1	127
	Máximo	38	4	145	4	50	4	152
	Média	29.66	3.56	131.6	3.69	35.77	3.38	139.38
	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-	+/-
	D.Padrão	4.88	0.89	6.88	0.70	7.03	0.96	7.55
	N	16	16	16	16	16	16	16

Para o perímetro abdominal, os valores de acréscimo são superiores nas raparigas (+ 0.82), observando-se no nível de satisfação uma ligeira diminuição nos rapazes (Tabela 2), mas sem diferenças significativas.

Tabela 2 – Valores obtidos para o Perímetro Abdominal(PA) e Nível de Satisfação do PA, análise por sexo/género

		3.º ano de escolaridade_2017		4.º ano de escolaridade_2018	
		Perímetro Abdominal (PA)	Nível de Satisfação PA	Perímetro Abdominal (PA)	Nível de Satisfação PA
rapazes	Mínimo	57	1	65	1
	Máximo	91	4	95	4
	Média +/-	69.32 +/- 8.84	3.32 +/- 0.92	75.87 +/- 7.87	3.16 +/- 0.81
	D.Padrão	19	19	19	19
	N	19	19	19	19
raparigas	Mínimo	56	1	59	1
	Máximo	84	4	92	4
	Média +/-	66.13 +/- 7.66	3.31 +/- 0.87	73.5 +/- 9.64	3.50 +/- 0.82
	D.Padrão	16	16	16	16
	N	16	16	16	16

UM ESTUDO DE INTERAÇÕES DE PERCEÇÃO E DESEMPENHO - IMAGEM CORPORAL, CAPACIDADE FÍSICAS E MOTORAS - COM UM GRUPO DE MENIN@S DO 1.º CICLO

Os dados alcançados para o valor de índice de massa corporal, o IMC (Tabela 3) permitem-nos concluir que uma maior percentagem de rapazes tende a apresentar um IMC mais elevado, registando um maior acréscimo do 3.º para o 4.º ano (rapazes = +0.63; raparigas = +0.15).

Tabela 3 – Valores obtidos para o IMC, análise por sexo/género

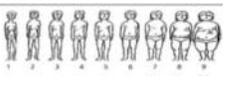
		IMC	IMC	IMC
		3.º Ano	4.º Ano	4.º ano (DGS)
rapazes	Mínimo	12.9	12.5	1
	Máximo	32.0	31.0	4
	Média +/- D. Padrão	18.62+/-4.23	19.25+/-4.19	2.68+/-1.00
	N	19	19	19
raparigas	Mínimo	14.1	13.8	1
	Máximo	20.9	25.1	4
	Média +/- D. Padrão	17.27+/-2.26	18.42+/-3.49	2.50+/- .894
	N	16	16	16

Incidindo a nossa atenção nos dados dos 19 rapazes, verificamos que 1 apresentava-se no valor mais baixo de “magreza”, 10 na situação “normal”, 2 com “excesso de peso” e 6 em situação de “obesidade”, contrapondo com os valores registados para as 16 raparigas, em que 1 se apresentava no valor mais baixo, em “magreza”, 9 na situação “normal”, 3 com “excesso de peso” e 3 em situação de “obesidade”. Para a DGS (2006) o *excesso de peso* – IMC, é quando as crianças apresentam valores entre o percentil 85 e 95 para a idade e sexo; e a *obesidade* – IMC acima do percentil 95 para a idade e sexo, existindo nestas duas situações “risco” aumentado para as co-morbilidades, por apresentarem desde logo excesso de gordura corporal (Cansado, 2011).

Contudo, como nestas idades, em ambos os sexos, devido à velocidade de crescimento, se regista uma grande variabilidade inter e intra individual nestes parâmetros, há que ter em atenção os ajustes psicológicos, físicos e motores a que se tem que proceder.

Analisando de seguida os valores apresentados para a silhueta (ajustado em 6 níveis apenas), como se pode ver na tabela seguinte (Tabela 4) nos rapazes há uma tendência para a perceção de imagem corporal diminuir do 3.º para o 4.º ano, mesmo registando-se um acréscimo de situações de obesidade. As raparigas são mais realistas e percecionam melhor as mudanças do seu corpo, podendo mesmo ter maiores repercussões ao nível da sua auto estima e prática física.

Tabela 4 – Valores obtidos Teste da Silhueta / Imagem Corporal

		3.º Ano	4.º Ano	
		T.Silhueta	T. Silhueta	
rapazes	Mínimo	2	1	
	Máximo	6	6	
	Média	4.26	3.84	
	+/-	+/-	+/-	
	D.Padrão	0.91	1.09	
raparigas	Mínimo	1	2	
	Máximo	5	6	
	Média	3.31	3.63	
	+/-	+/-	+/-	
	D.Padrão	1.04	1.05	

Quando pesquisamos através do teste do Qui-Quadrado possíveis diferenças entre sexo/ gênero encontramos diferenças apenas no 3.º ano quanto à imagem corporal ($p = .028$), sendo ainda de anotar que o nível de satisfação com o peso tem tendência para diminuir com a idade à medida que aumenta o IMC (rapazes – $r = -.623$ a $p < .01$ e raparigas – $r = -.561$ a $p < .05$).

À semelhança dos dados obtidos em Condessa & Borges (2015), poderá haver uma ligação destes valores com o aumento de tempo passado sentado em sala de aula induz desde cedo ao acréscimo de sedentarismo e à necessidade de reforço de prática física e desportiva. Conforme refere a circular da DGS (2006) “A procura duma faixa de peso saudável e o combate ao excesso de peso e obesidade devem ser uma preocupação de todos os profissionais que trabalham com as crianças e suas famílias.” (p.1)

Iremos de seguida fazer uma abordagem aos valores obtidos nos teste realizados às Capacidades Físicas e ao Desempenho Motor (Tabelas 5, 6 e 7),.

Da análise dos indicadores físicos, apresentada na tabela seguinte (Tabela 5), realizada só por alguns elementos da amostra, registamos evolução na maioria destas capacidades ao longo do ano de estudo, que provavelmente advém do trabalho realizado na escola e fora dela, mas também da maturação observada e com reflexo nos desempenhos.

Registamos diferenças significativas (U Mann-Witney) entre rapazes e raparigas nos resultados das provas do 3.º ano de escolaridade, mais especificamente nas provas de flexibilidade ($p = .004$ e $p = .007$) e de agilidade ($p = .042$), pois as raparigas tendem a ser mais “flexíveis” e os rapazes mais “fortes e ligeiros”, tendência biológica mas que a escola pode contrariar.

Tabela 5 – Valores obtidos nas Provas Físicas, análise por sexo/ gênero

		Prova Física 1 (Extensão Tronco Dorsal – cm)		Prova Física 2 (Senta e Alcança - cm)		Prova Física 3 (Sit up's - 30 seg. n.ºexec.)		Prova Física 4 (Vai vem - Velocida Agilidade - seg)	
		2017	2018	2017	2018	2017	2018	2017	2018
Rapazes	Mínimo	20	27	18	22	6	10.12	12.33	
	Máximo	40	53	36	30	30	18.27	22.06	
	Média +/-	30.26	40.00	27.42	27.71	16.50	11.58	13.99	
	D.Padrão	4.80	6.56	5.30	3.17	6.42	2.00	2.38	
	N	19	12	19	14	10	18	14	
Raparigas	Mínimo	27	32	17	23	7	10.62	12.45	
	Máximo	43	60	45	30	18	14.55	15.24	
	Média +/-	34.82	41.82	33.44	29.34	12.83	12.05	13.75	
	D.Padrão	4.00	7.08	6.04	2.01	3.44	1.08	0.82	
	N	16	11	16	11	6	16	11	
U-Mann-Whitney	P =	.004	NS	.007	NS	NS	.042	NS	

Na prova de força (“sit up s”) encontramos registos menos positivos e valores muito mais baixos para as raparigas, pois como referem Gomes *et. al.* (2000), a escola pode contribuir para reforçar essas desigualdades, caso não tome consciência. Há que reforçar os tão famosos “abdominais” e não esquecer a “flexibilidade”, em trabalho de co-educação e considerando as diferenças de sexo/ gênero no ginásio.

Por outro lado, os rapazes parecem mais ágeis e velozes, verificando-se uma relação positiva entre esta última capacidade com a perceção de peso para o 3.º ano, analisada atrás (rapazes – $r = 0.523^*$).

UM ESTUDO DE INTERAÇÕES DE PERCEÇÃO E DESEMPENHO - IMAGEM CORPORAL, CAPACIDADE FÍSICAS E MOTORAS - COM UM GRUPO DE MENIN@S DO 1.º CICLO

Quanto às provas de desempenho em habilidades motoras variadas (Tabela 6) não se registam diferenças, embora os rapazes alcancem valores mais elevados nas provas com bola (lançamento e drible) e as raparigas nas habilidades mais gímnicas (s. corda e rolamento). Gomes *et al.* (2000, p.37) a propósito dos perfis de rapazes e raparigas na prática física, menciona que os primeiros acedem mais à sobrevalorização do aspeto competitivo na aprendizagem de jogos com bola, enquanto que as raparigas associam-se mais a práticas que elevem a emoção, preterindo as práticas competitivas vêm diminuir a sua auto estima, instalando-se um clima de insegurança corporal.

Tabela 6 – Provas Desempenho Motor *, análise por sexo/ género

		S. Corda	Lançamento de Bola	Drible e Pontapear	Rolamento à Frente
Rapazes	Mínimo	1	2	3	1
	Máximo	3	5	4	4
	Média +/- D. Padrão	2.47+/- 0.75	4.09+/- .944	3.70+/- .483	3.30+/- .949
	N	19	11	10	10
Raparigas	Mínimo	0	2	3	2
	Máximo	9	6	4	4
	Média +/- D. Padrão	4.74+/-2.97	4.00+/-1.41	3.50+/- .548	3.50+/- .837
	N	16	10	6	6
U-Mann-Whitney	P =	NS	NS	NS	NS

*- transposição para valores qualitativos

A habilidade de maior desempenho das raparigas, o saltar à corda foi aqui analisada com mais cuidado, por ser uma habilidade que as raparigas praticam em espaços de recreio e outros, diferenciando-se ainda muito da prestação dos rapazes (Tabela 7), pois não só saltam melhor, mais e tem um sentimento mais favorável ao empenho e sucesso.

Para Condessa & Vieira (2017, p. 265) o desenvolvimento da motricidade é importante para para a criação de hábitos de vida saudáveis nas nossas crianças, porque é através de uma boa prática de exercício físico que o progresso da motricidade se dá, e conseqüente o desenvolvimento da coordenação motora geral, para além de ajudar na capacidade de autonomia, a respeitar os outros e a obter melhores resultados escolares.

Tabela 7 – Provas Desempenho Motor Saltar à Corda vs Satisfação, análise por sexo/ género

		Saltar à Corda Sinto-me	Perceção Capacidade S.Corda	Execução S.Corda 2017	N.º repetições 2017
Rapazes	Mínimo	1	1	0	0
	Máximo	3	3	9	25
	Média +/- D. Padrão	2.47+/- 0.75	2.32+/- 0.80	4.74+/- 2.97	4.79+/- 6.04
	N	19	19	19	19
Raparigas	Mínimo	1	1	3	1
	Máximo	3	3	9	40
	Média +/- D. Padrão	2.69+/-0.58	2.69+/-0.58	6.94+/-2.05	13.88+/- 12.77
	N	16	16	16	16
Mann-Whitney	P =	NS	NS	NS	.017

CONCLUSÕES

Os nossos resultados permitem-nos concluir que fruto do crescimento ou maturação, rapazes e raparigas aumentam os parâmetros físicos de um ano para o outro.

Uma maior percentagem de rapazes tende a apresentar um IMC mais elevado, com maior taxa de obesidade. Quanto à imagem corporal as diferenças de género são significativas apenas no 3.º ano, tendendo a diminuir o nível de satisfação com o peso com a idade e à medida que aumenta o índice que reflete a gordura corporal (IMC).

As raparigas são mais realistas e percecionam melhor as mudanças do seu corpo, podendo mesmo ter maiores repercussões ao nível da sua auto estima e prática física.

As raparigas também tendem a ser mais flexíveis e os rapazes mais ágeis e velozes, verificando-se uma relação entre a agilidade e a perceção de peso, nos rapazes do 3.º ano.

No domínio das habilidades motoras observadas registam-se ligeiras diferenças, entre aquelas com ligação aos desportos de bola ou às habilidades gímnicas. É no *salto à corda*, concretamente no n.º de saltos realizados, que se verificam maiores diferenças de género, pois embora fazendo parte dos programas escolares ainda não se venceram as barreiras sociais existentes e com reflexo na quantidade de movimento e, conseqüentemente, na qualidade de vida das crianças.

REFERÊNCIAS

- Amorim, R. (2007). *Percepção e Satisfação com a Imagem Corporal de Crianças e Adolescentes Obesos e com Excesso de Peso*. Monografia, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Casado, S. (2011). Excesso de peso e obesidade nas crianças em idade escolar: prevalência e fatores de risco. *Tese de Mestrado*, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Cole T, Bellizzi M, Flegal K e Dietz W. (2000). Establishing a standard definition for child overweight and obesity worldwide: International Survey BMJ; 320(6), p 1240-43.
- Condessa, I. (2015). Educação física e desporto para crianças e jovens boas práticas: da educação física ao desporto. In: J. Nascimento, E. Souza, V. Ramos & J. Rocha. (Org.), *Educação física e esporte: convergindo para novos caminhos*, pp: 427-451 (Vol. 7). Florianópolis: UDESC. URI: <http://hdl.handle.net/10400.3/4064>
- Condessa, I.C. & Anastácio, Z.C. (2016). Intervir através da educação física na coeducação realidade ou intenção? *International Journal of Developmental and Educational Psycholog*. INFAD Revista de Psicologia, 2 (1), pp. 89-98.
- Condessa, I.C. & Vieira, V.S. (2017). O desenvolvimento da motricidade fina da criança na escola infantil. Estudo comparativo de fatores de prática e parâmetros de avaliação. *International Journal of Developmental and Educational Psycholog*. INFAD Revista de Psicologia, 1 (2), pp. 257-266.
- Condessa, M.I. (2018). A Prática Física e Desportiva no 1.º C.E.B - Falando de Modelos Sustentáveis para a Educação e Saúde – *Atas 5.º Congresso Internacional de Saúde:Atividade Física e Saúde, Braga* (Portugal) 10-13 July. <http://www.eventos.ciecuminho.org/5cis/assets/docs/ccom/p86.pdf>
- Condessa, I.C. & Borges, C. (2015). O Desenvolvimento da Motricidade na Criança e as Expressões. Um Estudo em Contexto de Pré-Escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico. In V. P. Lopes, L.P.Rodrigues. & J.Barreiros, O.Vasconcelos . (Org). *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança X*, pp: 140 - 145, Bragança: IPB. URI: <http://hdl.handle.net/10400.3/4066>
- Côrtes, M.G., Meireles, A.L., Friche, A.A.L. , Caiaffa, W.T. & Xavier, C.C. (2013). O uso de escalas de silhuetas na avaliação da satisfação corporal de adolescentes: revisão sistemática da literatura. *Caderno de Saúde Pública*, 29(3), pp: 427-444, mar, Rio de Janeiro.

UM ESTUDO DE INTERAÇÕES DE PERCEÇÃO E DESEMPENHO - IMAGEM CORPORAL, CAPACIDADE FÍSICAS E MOTORAS - COM UM GRUPO DE MENIN@S DO 1.º CICLO

- Cunha, M.J. (2004). *A Imagem Corporal*. Azeitão: Autonomia 27
- Esteves, V. (2013). O esquema corporal e o desenvolvimento afetivo-sexual em adolescentes e adultos com Trissomia 21. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de Lisboa, Portugal
- Fonseca, C.C. (2008). *Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão*. *Dissertação de Mestrado*, Universidade de São Judas Tadeu, São Paulo.
- Fonseca, V. (2005). *O desenvolvimento psicomotor e aprendizagem*. Lisboa: Âncora Editora.
- Gallahue DL. (2002). Desenvolvimento motor e aquisição da competência motora na educação de infância, In Spodek B. Editors. *Manual de Investigação em Educação de Infância*, pp: 49-84. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. p.49-84.
- Gomes, P.B, Silva, P. & Queirós, P. (2000). *Equidade na Educação. Educação Física e Desporto na Escola*. Lisboa: Ed. Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto.
- Haywood K, Getchell N. (2004). *Desenvolvimento Motor ao Longo da Vida*. 3ª Ed, Porto Alegre: Artmed.
- Jorge, F. (2013). Relação entre Obesidade Infantil e Imagem Corporal em Crianças da Ilha de São Miguel. *Tese de Mestrado*, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real, Portugal.
- Kakeshita, I.S.(2004). Estudo das relações entre o Estado Nutricional, a Perceção da Imagem Corporal e o Comportamento Alimentar em adultos. *Dissertação de Mestrado*. Universidade de São Paulo, Brasil.
- Lopes V.P., Rodrigues L.P. e Maia, J.P. (2009). A Coordenação Motora é preditora dos níveis de actividade física habitual? In Rodrigues LP, Saraiva L; Barreiros J. e Vasconcelos O. (Ed.). *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança*; 2009. p.115-124. Viana do Castelo: ESE – IPVC,
- Luz, C., Almeida, G., Rodrigues, L.P., Cordovil, R. (2014). Habilidades motoras fundamentais e capacidades cognitivas em crianças dos 6 aos 14 anos. In C. Neto, J. Barreiros, R. Cordovil, F. Melo (Ed.). *Estudos em Desenvolvimento Motor da Criança VII*, pp: 63-71, Lisboa: FMH Ed.
- Ruiz Perez, LM. (2004). *Desarrollo Motor y Actividades Físicas*. 3ª Ed. Madrid: Gymnos.
- Schmidt RA. (2001). *Apprentissage Moteur et Performance*, Paris: Ed. Vigot.
- Silva, D.R. & Herzberg, E. (2017). Desenho da Figura Humana : avaliando a imagem corporal na deficiência física. *Avaliação Psicológica*, 16, 1, pp: 106-115.
- Stunkard AJ, Sorensen T, Schulsinger F. (1983). Use of the Danish Adoption Register for the study of obesity and thinness. In: Kety SS, Rowland LP, Sidman RL, Matthysse SW. *The genetics of neurological and psychiatric disorders*, pp.115-20. New York: Raven Press;
- Legislação:
A Direção Geral de Saúde, circular n.º 5 de 21 de fevereiro de 2006.